

Entre o *Cutting Edge* e o *Bidonville*: Uma Reflexão sobre *elearning* na Universidade

Lia Raquel Oliveira
Universidade do Minho
lia@ie.uminho.pt

Resumo - Reflecte-se no texto, brevemente, sobre os *tempos líquidos* que vivemos e suas implicações nos processos de ensino-aprendizagem nas universidades. As realidades tecnológicas sucedem-se a uma velocidade estonteante que efemera a novidade no espaço e no tempo. Todos corremos nem sempre sabendo para onde vamos, se queremos ir ou lá chegar. O acesso a internet é desigual e reforça desigualdades prévias. No ensino com recurso a tecnologias, estas questões são pouco consideradas multiplicando-se os discursos tecnocráticos. Nos processos de *elearning* institucionalizados, convencionais, que recorrem a plataformas de gestão da aprendizagem (vulgo LMS), estas questões são obliteradas, mimetizando estas plataformas quer uma estrutura formal de ensino quer a obsoleta compartimentalização disciplinar, estanque e exclusiva, dos saberes. O eportefólio afigura-se como uma alternativa a estas plataformas. Se os computadores forem entendidos como *máquinas de comunicação* e não de representação, se forem explorados (na condição de superadas as discriminações do acesso) os sistemas de *software social* que enformam, cada vez mais, a *praça pública* das novas gerações, então será possível pensar formas verdadeiramente *inovadoras* de aprender e de ensinar, de contruir uma sociedade da qual todos possam *participar*.

Palavras-chave - internet, LMS, e-portefólios

1. O mundo em que vivemos

Cutting edge significa fio da navalha, ou seja, o que corta primeiro, a parte da faca que primeiro entra em contacto com o objecto a cortar. Temos um artefacto tecnológico que é operado por um sujeito humano sobre um objecto (que se espera não seja humano!). A expressão tem origem nos anos cinquenta (Dictionary.com, 2009b) no mundo anglo-saxónico, num contexto de grande desenvolvimento científico e tecnológico (aplicação dos conhecimentos científicos). *Cutting edge* aplica-se a tecnologia de ponta e a expressão está muito próxima do conceito de estado da arte, o que de mais avançado se sabe e se faz, numa determinada área, em determinado momento. É familiar próximo, também, do conceito de *avant-garde*, mais aplicado este a manifestações culturais e artísticas.

O termo *bidonville* surge também nos anos cinquenta (Dictionary.com, 2009a) e significa literalmente bairro de lata, construção precária de habitação em torno de grandes cidades. Significa, como realidade e conceito uma organização urbana não planeada, sujeita aos constrangimentos a que está submetida a população que a constrói, sempre de acordo com as necessidades mais elementares de sobrevivência, que vão determinando a sua existência.

As línguas são vivas e os seus falantes re-inventam as palavras de acordo com as realidades que vivem. *Cutting edge* e *bidonville* surgem numa época de confiança e esperança num futuro de felicidade e harmonia para a espécie humana e traduzem realidades que antes não existiam. Esta esperança assentava largamente na crença no progresso científico e tecnológico que resolveria todos

os problemas da humanidade. Mas este progresso veio acompanhado dos bairros de lata e da pobreza extrema ‘ali ao lado’, que sessenta anos depois continua a crescer e à qual nos habituámos e com a qual convivemos, mediada e mediatizada pela televisão, sentados no sofá ou na mesa do café quando lemos o jornal. Convém, contudo, lembrar o que escrevemos noutra lugar:

“Os comentários que acabamos de tecer, quer pelo seu teor, quer pela sua brevidade, poderiam ser interpretados como tecnófobos ou neo-luditas. Contudo, não o são. Crescemos com a tecnologia e apreciamo-la sobremaneira: aguardamos vivamente o teletransporte que acabará com os anacrónicos aeroportos do mesmo modo que aguardamos a escrita automática que permitirá o registo directo do pensamento!”
(Oliveira, 2004: 59)

O progresso científico e tecnológico trouxe benefícios inegáveis para as nossas vidas e ninguém prescinde hoje deles. Nem os ricos nem os pobres que sonham aceder-lhes. Todo o nosso bem-estar é suportado por tecnologia. E dentre todas as tecnologias, as mais insidiosas são, por certo, as tecnologias de informação e comunicação, conhecidas por TIC e cujo *tic-tac* vai pautando o ritmo do desenvolvimento global.

Entre estes *tempos líquidos* que vivemos (Zigmunt Baumann) e o espartilho do tempo cronológico constroem-se as realidades tecnológicas a uma velocidade estonteante que efemera a novidade no espaço e no tempo. Todos correm nem sempre sabendo para onde vão, se querem ir ou lá chegar. Corre a gazela e corre o leão, como no poema africano escrito à entrada de uma fábrica na China (Friedmann, 2006: 162):

“Acontecimento # 6

Offshoring — Correndo com as gazelas, comendo com os leões.

(...)

Em África, todas as manhãs, uma gazela acorda.

*Sabe que tem de correr mais depressa do que o leão mais veloz, ou será
morta.*

Todas as manhãs um leão acorda.

*Sabe que tem de correr mais depressa do que a gazela mais lenta,
ou morrerá de fome.*

Não interessa se és um leão ou uma gazela.

Quando o sol se levantar será bom que corras.”

Como diz José Saramago (2009), existe uma espécie de máquina que nos empurra a todos numa direcção não muito evidente mas seguramente uma direcção de consumo desenfreado e acrítico, dominado por uma *cultura hegemónica* (António Gramsci), assente em mecanismos de reprodução, sempre impostos, muitas vezes ocultos. Sugere e imagina Saramago a possibilidade de

todas as pessoas empurradas por essa dinâmica opressora poderem fazer o gesto oposto e empurrar essa máquina para trás, desafiando os *aparelhos sociais* vigentes (Louis Althusser).

A internet integra esta máquina mas, quase paradoxalmente, *ela somos nós* (Wesch, 2009): alimentamo-la e ensinamo-la todos os dias! Como invariavelmente, e apesar das promessas falaciosas do *determinismo tecnológico*, alguns de nós participam e os outros ficam de fora. O determinismo tecnológico diz-nos que a tecnologia resolve todos os problemas, que só ela pode resolver os problemas. A tecnologia ganha uma espécie de *alma própria*, abstracta, transforma-se numa entidade com qualidades humanas. O problema não reside na tecnologia mas neste seu entendimento. É para todos claro e evidente que só com ciência e tecnologia, neste momento, poderemos resolver os problemas que com elas criámos.

A *inteligência colectiva* de Pierre Lévy (1997) não vem sendo para todos e os esforços para a equidade são ténues e difusos. O mundo das tecnologias é o espelho do mundo verdadeiro. Não tem uma história independente, pois é o *resultado da criação das forças produtivas* (Karl Marx).

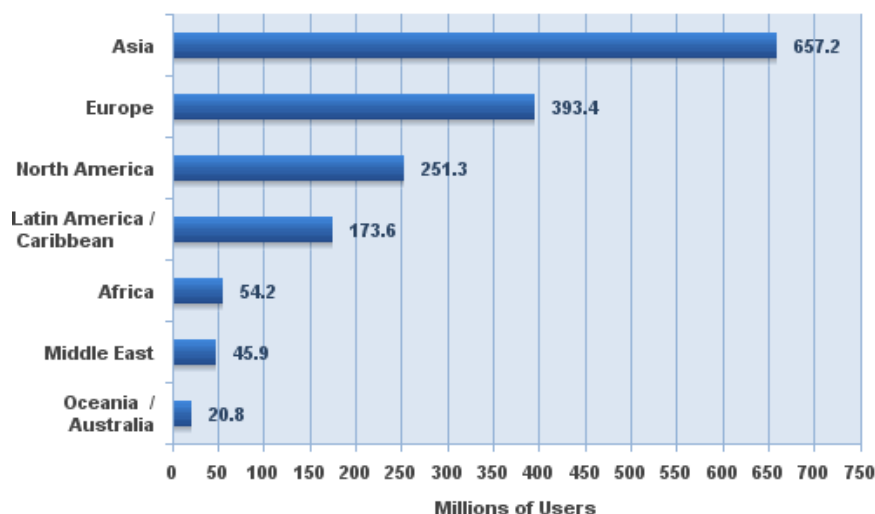
1.1 As realidades da internet

As realidades mundiais mudaram muito nos últimos vinte anos e, especialmente, nos últimos dez e tal deve-se sobremaneira, senão fundamentalmente, aos desenvolvimentos nas tecnologias de informação e comunicação. A internet suporta a globalização. Se a internet deixasse de existir de um dia para o outro, o que aconteceria à globalização?

Mas, e afinal, segundo estimativa de 2008, existem 6.710.029.070 pessoas (IWS, 2009); em todo o mundo, 1.596.270.108 pessoas usam a internet e a respectiva taxa de penetração era de 23,08% em 31 de Março de 2009 (*idem*). Quem são estas pessoas que usam a internet, como a usam e onde vivem?...

Quem são estas pessoas e como usam a internet não sabemos. Onde vivem, por regiões geográficas, sim e o gráfico 1 ilustra-o.

Internet Users in the World by Geographic Regions



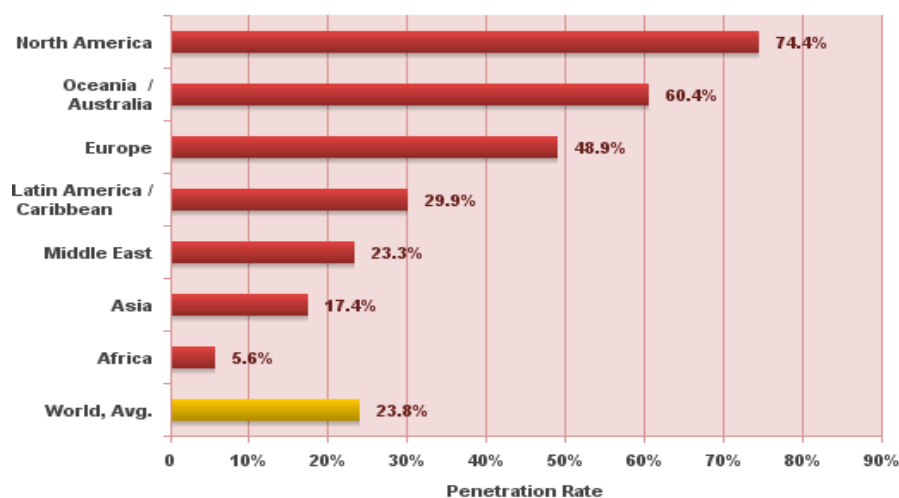
Source: Internet World Stats - www.internetworldstats.com/stats.htm
Estimated Internet users are 1,596,270,108 for March 31, 2009
Copyright © 2009, Miniwatts Marketing Group

Gráfico 1- Utilizadores de internet no mundo, por regiões geográficas (IWS, 2009).

Que nos dizem estes números? O óbvio é que na Ásia existem mais pessoas do que nos outros continentes e que a Europa aparenta ser o continente onde existem melhores condições de vida e, portanto, um acesso mais facilitado a internet.

Contudo, considerada a taxa de penetração, ou seja, o número de utilizadores relativo ao número de pessoas, os *factos estatísticos* alteram-se substancialmente, apesar da sua leitura ser, também, mais ou menos óbvia (gráfico 2).

World Internet Penetration Rates by Geographic Regions



Source: Internet World Stats - www.internetworldststs.com/stats.htm
Penetration Rates are based on a world population of 6,710,029,070
and 1,596,270,108 estimated Internet users for March, 2009.
Copyright © 2009, Miniwatts Marketing Group

Gráfico 2 – Taxas de penetração da internet no mundo, por regiões geográficas (IWS, 2009).

A posição na *lista graduada* dos continentes muda radicalmente e evidencia a questão do acesso a equipamentos e serviços que, como todos sabemos e parecemos por vezes esquecer, traduz as condições de vida das populações, o nível de consumo, o produto interno bruto dos países que integram esses continentes. Atente-se que a análise superficial aqui realizada sobre estes dados estatísticos — também eles já interpretados pela própria metodologia estatística — apenas olha as regiões geográficas e não os países e, dentro destes, os grupos sociais, as classes sociais.

Em síntese, o acesso a internet, desde logo, não é para todos. E o acesso não é garante de melhoria das condições de vida das populações, nem da felicidade humana nem de uma aprendizagem melhor e mais *eficaz*, entendida a eficácia em educação como aprender mais e melhor (saber melhor aplicar o que se aprendeu).

E em Portugal? De acordo com a mesma fonte (IWS, 2009), em 30 de Junho de 2009 quase metade da população utilizava a internet (cf. Quadro 1).

Países	População (2009 Estimativa)	Utilizadores de internet, Últimos dados	% População (Penetração)	Crescimento de Utilizadores (2000-2009)
Bélgica	10,414,336	7,006,400	67.3 %	250.3 %
República Checa	10,211,904	4,991,300	48.9 %	399.1 %
Grécia	10,737,428	4,932,495	45.9 %	392.2 %
Portugal	10,707,924	4,450,800	41.6 %	78.0 %
Suécia	9,059,651	7,295,200	80.5 %	80.2 %

Quadro 1 – Utilização da internet em países europeus com população em torno de 10 milhões de habitantes (IWS, 2009, seleccionado, traduzido e adaptado).

Se, por um lado, continuamos sem saber quem usa e como usa, por outro lado, ficamos a saber que, relativamente aos países europeus com uma população idêntica à portuguesa (em torno de 10 milhões), a posição na *lista* se assemelha à da Grécia e da República Checa, sendo contudo, mais baixa. Relativamente a dois países considerados mais desenvolvidos (Bélgica e Suécia), a distância acentua-se consideravelmente permitindo-nos questionar até que ponto os investimentos feitos pelos governos de Portugal neste domínio, nos últimos vinte anos, têm sido os mais adequados. Isto, partindo do princípio que, internacionalmente e no contexto da globalização se considera este indicador – utilização de internet – como indicador e factor de desenvolvimento.

2. Alguns equívocos sobre *e-learning* nas universidades

Multiplicam-se os equívocos quanto às finalidades da universidade e sua razão de ser, descredibilizando a utopia de uma universidade pública devotada à criação, disseminação e transferência de conhecimento. Por um lado, acentua-se e valoriza-se a dimensão de investigação que compete ao professor universitário mas exige-se-lhe, simultaneamente, que use o seu tempo em formações a distância cumprindo funções de tutoria que se tornam quase impossíveis perante o número de alunos a acompanhar. *Fazer* ensino a distância exige pensar a modalidade em

conformidade e organizar os processos de forma a que sejam exequíveis com números consideráveis de alunos.

Por outro lado, atropela-se, demasiadas vezes, o conhecimento acumulado por gerações de pedagogos e re-inventam-se métodos e estratégias de ensino *centrados no aluno*. Aquilo a que assistimos é, infelizmente e em excesso, a retrocessos pedagógicos: ausência de aprendizagem experimental e experiencial; recortes disciplinares demasiado estanques para as realidades que vivemos; observância de métodos de ensino conservadores e completamente anacrónicos como a aula expositiva (*magister dixit* ou *dar matéria*) enquanto modelo único, sapiente e credível de transmissão de conteúdos.

Nos processos de *e-learning* institucionalizados, convencionais, que recorrem a plataformas de gestão da aprendizagem (vulgo LMS, Learning Management Systems), estas questões são obliteradas, mimetizando estas plataformas quer uma estrutura formal de ensino quer a obsoleta compartimentalização disciplinar, estanque e exclusiva, dos saberes.

2.1 Sobre os LMS

OS LMS reflectem a organização curricular rígida das formações que são disponibilizadas pelas universidades e que não propõem nem interdisciplinaridade nem transdisciplinaridade, nem construção colectiva de um Programa. Cada disciplina, ou *unidade curricular* (como a própria designação indica), é soberana, autónoma, tem fronteiras e território definido. Para que tal se operacionalize, estes sistemas só podem ser crípticos: o professor precisa de pedir acesso ao respectivo serviço administrativo; o aluno precisa de ter em dia o pagamento da propina; a interface precisa de ser *decodificada*. É o professor quem dita, *a priori*, o que se faz, como se faz e quando. Do ponto de vista pedagógico-didáctico, a grande vantagem destes sistemas, diz-se, é o controlo. O *controlo da aprendizagem dos alunos* mediante a quantificação da sua participação: quantas vezes entrou no sistema, quanto tempo lá permaneceu, quantos trabalhos entregou, quantas afirmações lá deixou registadas em fóruns e chats. Estes elementos constituem-se em elementos de avaliação das aprendizagens, para além dos trabalhos realizados e dos exames. Tais elementos não nos parecem fazer prova de *resultados de aprendizagem* nem de conhecimento construído.

Assume-se que estas plataformas substituem as aulas presenciais devido ao facto de possuírem ferramentas de comunicação síncronas e assíncronas. Tal está correcto, se pensarmos em cenários de ensino a distância. Em situação de ensino presencial ou misto estas ferramentas perdem bastante do seu interesse já que jamais serão *melhores* do que a comunicação presencial. Constituem alternativas à comunicação presencial (sendo a videoconferência a mais próxima) e constituem mesmo recursos inestimáveis quando a comunicação presencial não é possível. Mas aí estamos, como acima dito, em situação de ensino a distância, sendo importante distinguir conceptualmente ensino de educação – esta um processo de formação/transformação do indivíduo que não se esgota nos processos formais de ensino-aprendizagem que ocorrem nas universidades, que tem por finalidade qualificar alunos em saberes e competências específicas (traduzidas em cursos). A educação existe nas universidades, como existe nas sociedades: a educação serve o

desenvolvimentos pessoal de cada um e de todos e permite o civismo e a relação cordial entre os indivíduos. O conceito de educação desdobra-se em múltiplas variantes mas não se confunde com o conceito de ensino-aprendizagem.

Uma das ideias correntes sobre as vantagens dos LMS é que providenciam aprendizagem *em qualquer lugar a qualquer hora*. A famosa expressão numérica *24/24, 7/7...* Estas duas expressões constituem, em nosso entender, um equívoco e uma falácia, que mais lembram um discurso publicitário enleado num discurso de propaganda. Experimente-se preencher a conhecida *Roda do tempo*, usada em acções de formação sobre gestão do tempo. Desenha-se um círculo e imagina-se que ele representa as 24 horas do dia. Vai-se preenchendo com as nossas ocupações, começando pelas mais elementares como dormir, comer, cuidar da higiene pessoal, deslocar-se, até chegar às obrigações profissionais ou de estudo... Com a realização este exercício, torna-se mais fácil compreender quer como usamos o nosso tempo quer tomar alguma consciência dos motivos que levam ao aceleramento incontornável da vida das pessoas. Ou seja, o tempo não é completamente *elástico*.

Poder aprender a qualquer hora, em qualquer lugar é uma bela ideia que perfilhamos! Mas, na prática, ela precisa de ser *contabilizada* na vida das pessoas. Se antes era preciso tempo para estudar, hoje também esse tempo é necessário. A internet permite quebrar barreiras de espaço mas não quebra as do tempo. Podemos estudar em casa não gastando tempo em deslocações mas temos de ter esse tempo *realmente* disponível para o fazer.

A simples possibilidade de poder aprender *em regime 24/24, 7/7* não garante que qualquer um e todos possam estudar e, de alguma forma, melhorar as suas condições de vida.

2.2 Sobre e-portefólios

A internet encerra em si, sim, um potencial de sucesso e impacto nas formas de aprender e de ensinar: serve a distribuição, a comunicação e a intervenção/participação, particularmente com as tecnologias da Web 2.0 (esqueçam-se as da Web 3.0 ou 4.0 e a moda das versões para tudo), que permitem, superadas as dificuldades do acesso, uma real participação.

Este potencial assenta em cinco ideias que se interpenetram: a ideia de *fractal*, representando o que existe e não é imediatamente visível e cognoscível; a *serendipidade* ou capacidade de fazer descobertas afortunadas, aparentemente por acaso, considerada, nos dias de hoje, como uma forma especial de criatividade, ou uma das muitas técnicas de desenvolvimento do potencial criativo de uma pessoa adulta, que alia perseverança, inteligência e senso de observação; a *teoria do caos* que, na Física e na Matemática, é a hipótese que explica o funcionamento de sistemas complexos e dinâmicos — certos resultados determinados são causados pela acção e a interacção de elementos de forma praticamente aleatória — e que nos diz que o que as pessoas pensam que é acaso, na realidade, é um fenómeno que pode ser representado por equações; o *storytelling* ou arte de contar histórias, arte inerente à linguagem humana, inerente à condição humana; e, por fim, a ideia de *inteligência colectiva*, cunhada por Pierre Lévy (1997), na qual ganha corpo a afirmação de Marshall McLuhan (1964) relativa à era da electricidade, fase final das extensões do homem, a simulação

tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá colectiva e corporativamente a toda a sociedade humana.

Estas cinco ideias entroncam no conceito de e-portefólio que surge como *uma tecnologia de aprendizagem* e que pode e deve funcionar como espaço pessoal de arquivo e gestão da informação pessoal, como “escritório virtual” (Oliveira, 2004: 224). A internet estruturou-se até aqui em torno de objectos, de documentos e, numa proposta recente — *The internet of Subjects Manifesto* (Eifel, 2009) — é proposto que se estruture em torno dos sujeitos/indivíduos/pessoas.

O portefólio pertence ao indivíduo! Um eportfólio é um arquivo e gestor de documentos de uma pessoa, constituído por arquivos (compilação de documentos), vistas (representação de documentos) e serviços (exploração de documentos). Não existem ferramentas de eportfólio aberto (à excepção da Elgg, hoje Eduspaces) mas existem ferramentas gratuitas, apesar de comerciais, que permitem construí-los (figura 3). Esse é parte do negócio da empresa Google. As ferramentas integradas da Google permitem imaginar como poderá vir a ser um e-portefólio.

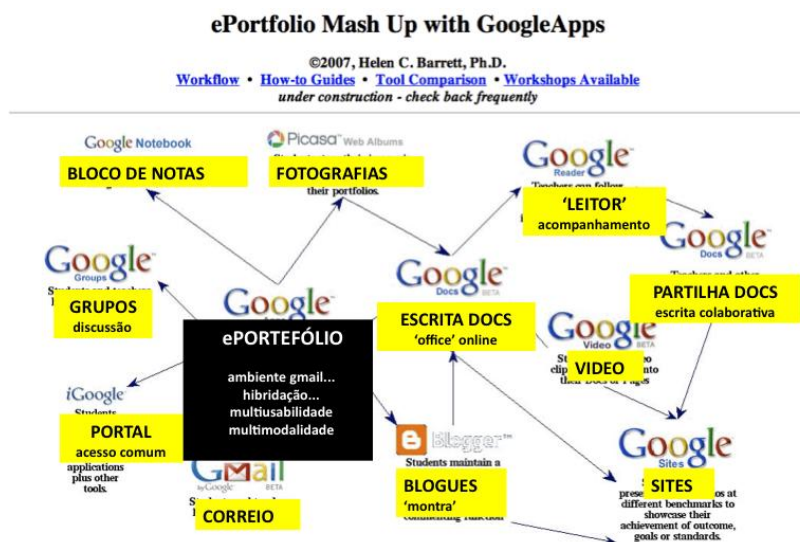


Figura 3 – A lógica subjacente ao e-portefólio (adaptado de Barret, 2007 e interpretado).

Como dizíamos noutro contexto:

Continuamos a precisar de plataformas alternativas a estas plataformas de gestão da aprendizagem. Provavelmente plataformas de e-Portefólios que possam ser usadas — garantidas e credibilizadas — por instituições de carácter público. (Paraskeva e Oliveira, 2008: 14).

Confiamos o nosso dinheiro a entidades bancárias, os nossos dados pessoais, financeiros e de saúde, ao Estado. As universidades bem podiam ser fiéis depositárias das nossas aprendizagens e da nossa partilha colectiva. As universidades reúnem o *know how* e as condições necessárias para o fazer e para nos garantir o arquivo e gestão da nossa aprendizagem ao longo da vida.

2.3 O OpenCourseWare

Nesta lógica, ganha ainda maior importância o projecto OpenCourseWare (OCW) do MIT (Massachusetts Institute of Technology, <http://ocw.mit.edu>) que, há dez anos, publica, de forma aberta os materiais usados nos seus cursos. Nesta esteira, é já possível aceder a vários cursos, em várias áreas, em português (e. g. <http://www.universia.com.br/mit/>). De forma complementar, o MIT tem também um canal no YouTube, no qual disponibiliza vídeos de aulas, palestras, entrevistas, discussões, possibilitando o acesso a especialistas e a intervenções teóricas de elevada qualidade. É claramente possível aprender sozinho através destes cursos abertos. Faltará o contacto humano, as interações com pares e com professores e não haverá *certificação*. Ou seja, estes processos de divulgação contribuem para o prestígio das instituições e em nada retiram aos seus ganhos económicos. Apenas frequentando a instituição se poderá aceder à certificação dos conhecimentos e das competências.

Pensamos que este tipo de abordagem complementa bastante bem a ideia de e-portefólio. Sistemas de distribuição eficazes, como estes, repositórios de literatura científica e de conteúdos de intenção educativa, associados às possibilidades de comunicação e gestão de portefólios em modelo de rede social, são susceptíveis de permitir melhores e mais avançados processos de ensino-aprendizagem.

3. Considerações finais

We are the spider! E fazemos a teia. Na condição de superadas as discriminações do *acesso*, com os sistemas de *software social*, que enformam cada vez mais a *praça pública* das novas gerações (Rasco, 2008), podemos pensar formas verdadeiramente *enovadoras* (que se distinguem das inovadoras pela sua emergência inesperada e auto-controlada, cf. Bonami e Garant, 1996), de aprender e de ensinar, de construir uma sociedade da qual todos possam *participar*.

Devemos usar as TIC *cutting edge* para re-inventar essas formas e não para perpetuar os *bidonville*. Reproduzir modelos *poeirentos* em nada ajuda a criatividade. A internet permite entrever novos cenários antes impossíveis e de inspiração anarquista. Tentar aprisioná-la não dará bons resultados. Sistemas críticos e *murados* geram exclusão, exactamente como na vida antes da internet e na vida com a internet.

Nota

Este trabalho é apoiado pelo CIEd-Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho.

Referências bibliográficas

Barrett, H. C. (2007). Electronic Portfolios Org. <http://electronicportfolios.com/> (Acessível a 15 de Outubro de 2009).

- Bonami, M. & Garant, M. (1996). *Systèmes Scolaires et Pilotage de l'Innovation. Emergence et implantation du changement*. Bruxelles: De Boeck Université.
- Dictionary.com (2009a). bidonville. The American Heritage® Dictionary of the English Language, Fourth Edition. <http://dictionary.reference.com/browse/bidonville> (Acessível a 15 de Setembro de 2009).
- Dictionary.com (2009b). cutting edge. Dictionary.com Unabridged (v 1.1). [http://dictionary.reference.com/browse/cutting edge](http://dictionary.reference.com/browse/cutting%20edge). (Acessível a 15 de Setembro de 2009).
- Eifel (2009) The internet of Subjects Manifesto. <http://www.eife-l.org/> (Acessível a 3 de Novembro de 2009).
- Friedmann, T. (2006). *O Mundo é Plano: uma breve história do século XXI*. Lisboa: Actual Editora.
- IWS (2009). Internet World Stats. <http://www.internetworldstats.com> (Acessível a 15 de Setembro de 2009).
- Lévy, P. (1997). *A inteligência colectiva: para uma antropologia do ciberespaço*. Lisboa: Instituto Piaget.
- McLuhan, M. (1964). *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. S. Paulo: Cultrix.
- Oliveira, L. R. (2004) *A comunicação educativa em ambientes virtuais. Um modelo de design de dispositivos para o ensino-aprendizagem na universidade*. Braga: CIEd/Universidade do Minho.
- Paraskeva, J. M. & Oliveira, L. R. (2008). Teoria Crítica, Currículo e Tecnologia Educativa. In J. M. Paraskeva & L. R. Oliveira (Orgs.) *Currículo e Tecnologia Educativa Volume 2*. Mangualde: Edições Pedagogo, 7-17.
- Rasco, F. A. (2008). Novos Espaços para a Alfabetização. In J. M. Paraskeva & L. R. Oliveira (orgs.) *Currículo e Tecnologia Educativa Volume 2*. Mangualde: Edições Pedagogo, 87-116.
- Saramago, J. (s/d). Saramago e Janela da Alma. <http://www.youtube.com/watch?v=EyOcrTCwekM> (Acessível em 15 de Setembro de 2009).
- Wesch, M. (2009). The machine is us. <http://www.youtube.com/watch?v=X4n90pO-kRk> (Acessível a 15 de Setembro de 2009).